

# ARTES E GEOGRAFIA NA SALA DE AULA: UMA REFLEXÃO FILOSÓFICO-PEDAGÓGICO-DIDÁTICA

## ARTS AND GEOGRAPHY IN THE CLASSROOM: A PHILOSOFICAL-PEDAGOGICAL-DIDATIC REFLECTION

**Marquessuel Dantas de Souza**

Membro do Grupo de Pesquisa Geografia, Literatura e Arte da USP  
Faculdade Tereza Martin de São Paulo  
marquessuelgf@yahoo.com.br

**Adriana Lopes Pereira**

Graduada em Geografia  
Universidade de Sorocaba (SP)  
E-mail: drikalpes@hotmail.com

### RESUMO

O presente texto expõe de forma breve uma reflexão preliminar sobre o estudo das Artes no contexto das aulas de Geografia. Como um todo, aponta para uma direção em que Artes e Ciência formam uma parceria inteligível para interpretar o mundo que nos circunda efetivamente. A proposta de elaborar arte junto às aulas de Geografia torna-se um meio de apreender o espaço geográfico de uma maneira mais simples e, por assim dizer, divertida no processo de alfabetização. A prática educativa por meio das artes nas aulas de Geografia possibilita uma melhor compreensão do viver.

**Palavras-chave:** Arte. Geografia. Educação.

### ABSTRACT

This paper presents briefly a preliminary reflection on the study of Arts in the context of Geography classes. As a whole, it points to a direction where Arts and Science are an intelligible form of partnership to interpret the world around us effectively. The proposal of developing Art during the classes of Geography becomes a means of understanding the geographical space in a simpler way and so, an entertainment in the literacy process. The educational practice through the arts into Geography classes enables a better understanding of the living.

**Key-words:** Arts. Geography. Education.

## **1 INTRODUÇÃO**

O estudo da Geografia a partir das obras de artes é uma oportunidade singular, do ponto de vista filosófico-pedagógico, para contextualizar conteúdos geográficos no e do cotidiano tanto dos alunos quanto da escola. Isto, com o intuito de fazer com que os próprios estudantes (discentes) despertem seus interesses em relação aos estudos em geral e não apenas na Geografia. Do mesmo modo, apresenta-se como uma tentativa de incentivá-los a “analisar, a observar com um olhar geográfico diferentes paisagens” (SILVA, 2009, p. 01) que constitui o mundo.

No processo de ensino-aprendizagem torna-se útil valorizar na abordagem envolvendo Geografia e Artes no conteúdo concreto do dia-a-dia, da realidade do educando, buscando mostrar os enlaces que os rodeiam. Por conseguinte, entende-se que por meio deste estudo conjunto entre Artes e Geografia as aulas de Geografia não sejam desestimulantes. Tornem-se dinâmicas interessantes e prazerosas para todos os que desejam aprender.

Assim sendo, nas linhas seguintes buscaremos mostrar brevemente o valor significativo de se trabalhar com o auxílio das Artes nas aulas de Geografia. Uma aventura ainda carente de intensa exploração por parte dos educadores. Com efeito, o que será colocado permanece como algo preliminar em relação ao que se pretende desenvolver sistematicamente mais adiante. Evidenciaremos apenas breves posicionamentos críticos-filosóficos sobre o nosso modo de ler, interpretar e decifrar o mundo; uma espécie de estética geográfica, uma perspectiva didática para enriquecer o conhecimento do mundo que nos circunda.

## **2 PARA UM DISCURSO PEDAGÓGICO: ARTES E GEOGRAFIA**

Ao se trabalhar artes em sala de aula junto aos alunos, os mesmos estão praticando suas habilidades cognitivas em relação ao mundo à sua volta. É tecendo as linhas magistrais da percepção do mundo vivido que as artes confluem para a Geografia. A literatura, a música, a pintura, a escultura, o teatro, a arquitetura, bem como o cinema, imprimem lugares, paisagens e territórios de temporalidades outras que atravessam a perspectiva geográfica do ser e do estar-no-mundo - no sentido Heideggeriano. As imagens - em sentido amplo - estão entrelaçadas no discurso geográfico como uma prática de análise do espaço em si, demonstrando um universo experienciado e ainda em experimentação na “práxis do sujeito no mundo” (MARQUEZ, 2006, p. 11).

O *geográfico* se nos apresenta cheio de significados de tal modo que não conseguimos negar o élan entre o homem, os outros seres vivos e a própria natureza. Assim, “pode-se dizer que a construção do discurso geográfico antecede o histórico (como discurso) e que é nesse jogo entre o real e a criação do simbólico (linguagem) que o processo de sistematização se constitui enquanto geografia” (SANTOS, 2002, p.24). A relação entre o real e o simbólico ocorre no geográfico ou, na geograficidade antes de acontecer no plano histórico. Não obstante, é neste sentido que a geografia jamais se separa das artes, ou seja, tudo acontece no espaço-tempo existencial consubstancialmente. Por outras palavras, tudo ocorre em torno de uma geografia que, grosso modo, se configura como o “teatro dos acontecimentos” (RATZEL, 1914, p. 13)<sup>1</sup>. O esforço que se faz é o de atingir, ao menos em parte, que os estudantes tenham consigo uma noção da importância da Geografia e das Artes no e para o seu cotidiano. Para tanto, sugere-se que, ao saírem da sala de aula em direção as seus respectivos domicílios os mesmos possam perceber que a Geografia está em todos os lugares, seja através da rua da escola ou da rua de sua própria casa ou da simples fachada de uma residência (que esteja no bairro, em outra cidade) em qualquer lugar. O mesmo pode ocorrer numa simples moldura de um quadro (paisagem), numa música (estilos variados), em vídeos (filmes e documentários principalmente) e inclusive nos alimentos que consumimos, pois os mesmos vêm terra. Com efeito, “o homem inevitavelmente habita o espaço” (MARQUEZ, 2006, p. 15).

A utilização das artes como conhecimentos complementares, como recursos “didáticos na disciplina de Geografia, auxiliam para uma melhor contextualização dos conceitos geográficos. Pois os alunos podem reconhecer, compreender, aplicar, identificar, analisar e avaliar [...] conceitos básicos, se eles fazem parte das suas realidades” (SILVA, 2009, p. 02). Bem entendido, “o conhecimento geográfico é inerente à própria realidade e está sendo constituído no cotidiano das pessoas” (MARANDOLA JR, 2010, p. 11). Não obstante, “a geografia está em toda parte” (COSGROVE, 1998, p. 93). Para onde quer que direcionemos nosso olhar (nossos sentidos), presenciamos geografia e história inseparavelmente. Deste modo, trabalhando Artes nas aulas de Geografia estaremos contribuindo para a formação crítica do educando. Conscientizando-os do vínculo dentro da sociedade (cultura) que o compõe.

O papel da Cartografia surge neste momento como um imperador no contexto de nosso breve discurso artístico-geográfico. Bem entendido, ao aplicar a tarefa de criar mapas temáticos, por exemplo, desenhando e pintado, diferenciando cores, gramaturas e tipos de papel, bem como criando mapas táteis e outros meios, as crianças, os jovens e os adultos nas aulas de Geografia procuram desenvolver seus conhecimentos por meios de práticas

pedagógicas (educativas) no qual usam de suas capacidades para manejar objetos ao alcance das mãos. Quer dizer, as artes neste contexto auxilia a prática didática. – Assim sendo, em relação ao raciocínio descrito anteriormente, isto se aplica principalmente nas séries iniciais (alfabetização) e no ensino fundamental. Com efeito, o objetivo é dar ao aluno a oportunidade de desenhar, pintar, em suma, *criar*: fazer “com que ele exercite ao mesmo tempo seu olhar redutor e seu olhar criativo” (MYANAKI, 2005, p. 02) diante do mundo que o envolve, construindo sua própria vida. Colocando em ação o que o mesmo já conhece, e, por assim dizer, buscando compreender as relações que estão se efetivando.

Consideramos como desenhar: o realizar da expressão gráfica, copiar formas geométricas, reproduzir alfabetos; copiar e fazer mapas, garatujas e símbolos. Todos possuem traços comuns, semelhanças e marcam áreas distintas. Artes, Linguagem, Geografia etc. Devemos procurar conceitos que unam essas áreas distintas, isto é, nossa meta deve ser as semelhanças e os traços comuns, caso contrário, teremos um longo caminho, talvez, com pouco êxito (SANTOS, 2010, p. 197).

O processo educativo exige que o professor de Geografia utilize de suas possibilidades, competências, habilidades e aptidões para o dinamismo no momento de efetuar sua aula. No instante de ministrar o discurso geográfico juntamente com os estudantes é de fundamental importância que o profissional docente esteja inserido no conteúdo atual transmitido a fim de que a turma (grupo de alunos) sinta e possa perceber naturalmente que toda a análise que está se passando naquele momento envolve a todos e que todos fazem parte do mesmo processo de compreender a cultura. Por outras palavras, é interessante e necessário que o docente quando falar de épocas remotas aproxime ao máximo o contexto transmitido da realidade de todos os indivíduos presentes na sala de aula. Assim, ao proceder a dialética o entendimento torna-se mais compreensível diante da realidade de cada turma quando da elaboração do discurso, seja este, escrito ou oral.

### **3 EXPERIMENTANDO AS ARTES NAS AULAS DE GEOGRAFIA**

Os experimentos em sala de aula são as provas concretas do fato de que as artes possibilitam um conhecimento geográfico relevante do e sobre o mundo. Isto é, as práticas educativas direcionam-se para uma espécie de conscientização por parte do estudante sobre aquilo que ele está elaborando, haja vista que em algum momento o próprio aluno perceberá que a sua ação em manejar algo durante as aulas representa o mundo no qual o mesmo faz parte. – Um exemplo simples para compreendermos o que estamos considerando é a construção de

maquetes representando, principalmente, edifícios que os alunos já conhecem: a sala de aula e o prédio da escola servem como a referência básica para o experimento da percepção do espaço geográfico circunvizinho. Para tanto, este experimento além de ilustrar de maneira preliminar a representação de algo já existente, estimula, por assim dizer, ao estudante a buscar os caminhos que o mesmo deseja seguir mais adiante, quer dizer, por uma simples ação de um projeto envolvendo artes e geografia, a prática educativa pode, grosso modo, ser decisiva na vida futura do aluno. Isso pode ocorrer, por exemplo, na escolha de uma profissão.

Ao propor uma investigação geográfica no que diz respeito à literatura, à música e à pintura, por exemplo, os estudantes podem exercer a tarefa de artistas efetivamente. Em outros termos, através de obras literárias, em particular poemas e romances, há a possibilidade de serem identificados lugares diversos inseridos nos escritos que imprimem, por assim dizer uma história destes pontos geográficos. Um exemplo singular do que acabamos de citar são alguns dos escritos de Machado de Assis, no qual os mesmos (escritos) descrevem perfeitamente a cidade do Rio de Janeiro do século XIX. Do mesmo modo, escritos de José de Alencar, Jorge Amado dentre outros autores.

Com efeito, o mesmo ocorre ao se trabalhar com a pintura e com a música nas discussões geográficas. Através da letra da música podemos identificar aspectos referenciados à literatura imanente. Por outro lado, ao estudar a sonoridade pertencente a uma determinada música podemos verificar outros aspectos representando características regionais, algo de suma importância na abordagem geográfica. Em relação à pintura, a imagem gravada na tela possibilita um olhar a respeito da paisagem que constitui a estética em si do lugar representado. Portanto, o potencial criativo-existencial contido numa obra de arte faz desta uma fonte suprema para que os estudos geográficos busque saciar sua intensa sede de conhecimento. Assim sendo, compreendemos que o mundo é um observatório estético-transcendental (no sentido Kantiano).

Bem entendido, a ideia de lugar, território, área, região, paisagem, meio ambiente entre outros conceitos estudados na Geografia, possuem um papel de magnitude elevada para a abordagem do que está em torno de nós (professores e alunos). Tudo está no geográfico ou na geograficidade<sup>2</sup> e na historicidade pertencente ao homem. As coisas estão no espaço-tempo existencial inexoravelmente atrelado ao ser-do-homem, ao ser-aí no anonimato experimentando o mundo: *o homem* - no sentido fenomenológico. A Geografia - buscando compreender o mundo como o suporte físico que sustenta a vida dos seres vivos animados e

inanimados - dizíamos, a Geografia por meio das Artes, resgata o valor estético embutido no imaginário das pessoas e considera a capacidade intelectual como um recurso de aproximar ainda mais o Homem ao Meio que o faz, inseparável deste meio que lhe mantém ativo. Uma noção de intensificar ainda mais o simbólico das artes na produção e reprodução da vida humana.

#### **4 ARQUITETURA: UM ABRIGO AO HOMEM**

As artes como a Fotografia, a Pintura e a Arquitetura têm o poder de revelar detalhes de um espaço e de um tempo muitas vezes ignorado. A arquitetura que nos revela tanto do espaço-temporal como da apropriação do meio ambiente pelo ser-aí, *o homem*, é a arte que passeia (transita) pelas mais diversas ciências, dentre elas a Geologia, a Filosofia, o Urbanismo, a Astronomia, a Matemática, a Música, a História e a Geografia.

Na arquitetura, temos a oportunidade de trabalhar as formas, as curvas, os ângulos retos e diagonais, a posição da construção em relação ao Sol, o aproveitamento da melhor vista da paisagem; percebemos também, através das cores, da decoração, da disposição de cada material, o seu tipo e origem, a intenção humana. Através do físico percebemos os valores do ser-aí.

Portanto, a Geografia que procura compreender o mundo como o suporte físico que sustenta a vida dos seres vivos animados e inanimados, deve se propor a não apenas compreender os fenômenos em si, mas acima de tudo contribuir de modo crítico e relevante para a construção e a manutenção do espaço de forma que sejam agregadas as questões ambientais e o respeito pela cultura dos povos, uma vez que a terra e o homem são indissociáveis.

Este olhar místico deve se iniciar na escola. A partir da arquitetura da própria escola. E a pergunta central é: como a arquitetura pode auxiliar a construir um espaço para aprender?

Bem entendido, além das questões óbvias de sustentabilidade na arquitetura, a comunidade deve ser percebida, ouvida. Devem-se buscar os valores culturais e históricos, buscar o belo, o agradável a fim de que a escola passe a ser efetivamente um “lugar” e deixe de ser um “não-lugar”, como tem sido nos últimos anos. A escola deixa de ‘ser’ um lugar de aprendizagem para ‘não ser’, ou seja, torna-se apenas um ponto de encontro. Algo que se corrobora pela falta de interesse por parte de muitos estudantes, quando frequentam regularmente as escolas.

Há que se ter responsabilidade e autonomia para criar o “lugar”, lugar este ideal para que com toda a sorte de informações e tecnologia disponível em pleno século XXI, quem sabe, possamos elevar o simples. Não ignorar as diversidades culturais, mas perceber o que o ser-aí necessita de atenção, bem como há a necessidade de o mesmo oferecer sua atenção para com o mundo, principalmente referentes aos problemas sociais que nos atinge profundamente. Para tanto, trabalhar com conceitos geográficos “a partir da arte é uma forma de desvendar a dinâmica de formação e transformação” (MYANAKI, 2005, p. 16) de várias imagens do mundo e “também construir um novo olhar e percepção” (MYANAKI, 2005, p. 16) sobre o próprio mundo a fim de que o indivíduo se torne sensível ao mesmo.

Transformando temas da vida e do cotidiano em possibilidade de compreensão do mundo, estaremos oportunizando momentos de aprendizagem em que se estabelecem ligações entre o que o aluno já sabia e a ampliação desses conhecimentos, incorporando-os ao seu dia-a-dia. O processo de trocas e interações que se cria permite ao aluno e ao professor conhecerem mais a si mesmos e aos outros (THEVES, 2009, p. 03).

Neste momento torna-se oportuno chamar atenção para a insensibilidade de muitas pessoas quando da questão ambiental. Com a pretensão de direcionar uma breve crítica aos estudos geográficos, inferimos que “os geógrafos precisam reaprender a contemplar, com olhar lírico, as paisagens e os lugares. Tanto a terra quanto os homens merecem nossa atenção e ele nos leva a entender, uma vez mais, que estes são indissociáveis e enlaçados para sempre” (MARANDOLA JR, 2010, p. 22).

Através das artes, ou melhor, por meio desses instrumentos/ferramentas (música, literatura, pintura, etc.) mesclando-se no discurso geográfico, podemos dizer que há uma maior possibilidade destes auxiliarem os alunos a extraírem informações necessárias e ampliarem seus conhecimentos, suas percepções sobre o mundo circundante. É por meio da criação artística elaborada pelos alunos (desenhar paisagens: prédios, rios, árvores, chuva, animais etc.) representando o mundo natural e o mundo humano que os mesmos ampliam seus conhecimentos em geral. - Em nosso caso específico envolve a Geografia, enriquecendo assim seu modo de enxergar o existir.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

“A capacidade de produzir arte faz parte daquilo que torna o homem único” (MARANDOLA JR, 2010, p. 07) perante todos os outros seres vivos (espécies animais animados) que ocupam o planeta terra. A convergência da arte na abordagem geográfica, bem

como a análise geográfica convergente no campo da arte nos revela particularidades recíprocas que, grosso modo, devemos chamar tal proximidade de uma intrínseca Geografia Artística configurando-se numa Arte Geográfica preponderantemente. Fazendo e sentindo, em suma: vivendo. Portanto, é nesta relação que podemos observar uma situação filosófica agindo majestosamente: a ontologia. Entra em cena a questão ontológica tão cara ao homem. Quer dizer, um aluno concentrado em apenas elaborar seu trabalho de pesquisa conjuntamente e investigando tudo que lhe diz respeito naquele momento de autoeficiência demonstra-nos que o valor epistemológico transborda-o ontologicamente *no ser-em-ação: o homem*. Tudo contribuindo em seu favor, uma espécie de transvalorização de todos os valores no sentido Nietzscheano do termo. Em uma palavra, “através da arte [...] nos transcendemos” (SOUZA, 2013, p. 243).

“Arte como ciência e ciência como arte constituem movimentos necessários de expansão dos experimentos de mundo” (MARQUEZ, 2006, p. 17). Neste contexto devemos ter em mente que necessitamos utilizar as artes no discurso geográfico sempre para enriquecê-lo mais e que as artes em si não se constituiriam sem uma geograficidade que lhe pertence. A “arte surpreende o próprio homem” (SOUZA, 2012, p. 70). Portanto, a Geografia deve estar aberta para o mundo assim como o mundo lhe constitui. Uma ação na emergência do estar-aí-no-mundo: somos.

## NOTAS

- 1 No original alemão “Schauplatz” (ratzel, 1909, p. 09).
- 2 “Geograficidade refere-se às várias maneiras pelas quais sentimos e conhecemos ambientes em todas as suas formas, e refere-se ao relacionamento com os espaços e as paisagens, construídas e naturais, que são as bases e recursos das habilidades do homem e para as quais há uma fixação existencial” (NOGUEIRA apud souza, 2013, p. 271). “Isto é, uma manifestação direta do ser na existência” (SOUZA, 2012, p. 71).

## REFERÊNCIAS

COSGROVE, Denis. A geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORRÊA, Roberto Lobato e ROSENDAHL, Zeny (Orgs). **Paisagem, Tempo e Cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998. p. 92-123. (Coleção Geografia Cultural)

MARANDOLA JR. Eduardo. Humanismo e arte para uma geografia do conhecimento. In: **Geosul**. Florianópolis, v. 25, n. 49, p. 07-26, jan./jun. 2010. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/geosul>>. Acesso em: 27 junho 2013.

MARQUEZ, Renata Moreira. Arte e Geografia. In: **Imagens Marginais**. FREIRE-MEDEIROS, Bianca e COSTA, Maria Helena Braga e Vaz da (Org.). Natal: EdUFRN, 2006. p. 11-22.

MYANAKI, Jacqueline. Arte e Geografia: uma experiência com o conceito de paisagem junto à alunos da 6ª série. In: **Simpósio Nacional sobre Geografia, Percepção e Cognição do Meio Ambiente**. Departamento de Geociências – Laboratório de Pesquisas Urbanas e Regionais/UEL. Londrina, 2005.

RATZEL, Friedrich. **Geografia dell'uomo (Antropogeografia):** principî d'applicazione della scienza geográfica alla storia. Primo volume. (Tradotta da Ugo Cavallero) Torino: Fratelli Boca Editore, 1914. 596p.

\_\_\_\_\_. **Anthropogeographie:** grundzüge der anwendung der erdkunde auf die geschichte. Dritten Auflage. Erster Teil. (Herausgegeben von Prof. Dr. Albrecht Penck) Stuttgart: Verlag von J. Engelhorne, 1909. 400p.

SANTOS, Clézio. O uso dos desenhos no ensino fundamental: imagens e conceitos. In: PONTUSCHKA, Nídia Nacib, OLIVEIRA, Arioaldo Umbelino de (Ogrs). **Geografia em Perspectiva**. 3ª Edição, 3ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2010. 384p.

SANTOS, Douglas. **A Reinvenção do Espaço:** diálogos em torno da construção do significado de uma categoria. São Paulo: Unesp, 2002. 218p.

SILVA, Adriana Severiano Reis. A utilização de obras de Arte no ensino de Geografia. In: **10º Encontro Nacional de Prática de Ensino em Geografia – ENPEG**. Porto Alegre, 2009. s/n. Disponível em: <<http://www.agb.org.br/XENPEG/artigos/eixo5.htm>>. Acesso em: 26 junho 2013.

SOUZA, Marquessuel Dantas de. Geografia e Cultura: o espaço em prosa, mapa literário e imaginação. In: **RA'E GA**. Departamento de Geografia - UFPR, Curitiba, v. 28, p. 242-253, 2013. Disponível em: <<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/raega/index>>. Acesso em: 11 junho 2013.

\_\_\_\_\_. Geografia e Fenomenologia: Merleau-Ponty e sua influência na Geografia Humana. In: **Caminhos de Geografia**. Uberlândia, v. 14, n. 46, p. 265-272, Jun/2013. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/caminhosdegeografia/article/view/17889/12825>>. Acesso em: 03 setembro 2013.

\_\_\_\_\_. **Geografia e Percepção:** uma interpretação introdutória a partir da fenomenologia de Merleau-Ponty. São Paulo: Biblioteca 24 horas, 2012. 134p.

THEVES, Denise Wildner. Literatura e Geografia: caminhos e passagens. In: **10º Encontro Nacional de Prática de Ensino em Geografia – ENPEG**. Porto Alegre, 2009. s/n. Disponível em: <<http://www.agb.org.br/XENPEG/artigos/eixo5.htm>>. Acesso em: 27 junho 2013.